

Uma Proposta de Leitura do Livro de Amaral Dias, *Freud Para Além de Freud. Volume II*

Ana Vasconcelos

Se, como disse W. Bion, existem pensamentos à procura de um pensador, este livro de Carlos Amaral Dias (2005) é um bom exemplo de como um bom pensador sabe escolher os pensamentos que importa analisar e expandir. Sendo o livro composto pela análise de seis textos de Freud, este roteiro de leitura segue também esse rumo, expondo algumas das ideias com as quais o autor expande o pensamento de Freud e releva a importância de compreender o funcionamento psicológico, à luz do vértice da significação.

NEUROPSICOSE DE DEFESA

No texto com este título, escrito por Freud em 1894, Amaral Dias demonstra o que será uma preocupação recorrente neste livro, a importância de se ser rigoroso com as palavras, nomeadamente com os significantes que se usam nas traduções dos termos usados por Freud, na língua alemã. Sendo que cada palavra evoca, internamente em cada pessoa, uma cadeia associativa de significações, esse rigor impõe-se para que os termos que se escolhem, para nomear os conceitos criados por Freud, se insiram numa cadeia de sentidos que esteja o mais próxima possível da cadeia de significações onde se insere o termo da língua alemã escolhido por Freud.

É no quadro desta preocupação de rigor que Amaral Dias inscreve

a importância de diferenciar a qualidade da falha inerente à neurose ou à psicose. No território da histeria, das fobias e das obsessões, a falha, que vai originar o recalçamento, é da ordem do *incompatível* ou do *inconciliável*, dado o Ego ser incompatível ou inconciliável com uma certa ideia ou com o afecto que acompanha essa ideia, mas tudo se passa no reino do signo, onde há articulação dos significantes. A ideia ou o afecto incompatível é, apenas, deslocado da cadeia associativa onde está inserido, mas mantém-se no território da representação mental.

Já na psicose, a falha é devida a uma ideia *intolerável* ao Ego, o que implica estar-se no território da fuga ao insuportável, da fuga a um pensamento excessivo para a capacidade de o pensar e de o transformar em algo tolerável, o que vai mobilizar mecanismos de defesa muito primitivos, fora do reino do simbólico, como a perclusão que faz evacuar e, portanto, desaparecer, algo do território da representação ou como o *desmentido do real*, pelo qual o Ego se cliva numa parte que confirma e aceita a realidade e outra que desmente essa realidade. É este intolerável que provoca que a defesa, no território da psicose, seja muito mais poderosa e radical do que na neurose, levando, não só à rejeição da representação intolerável, mas também do afecto que acompanha essa representação.

Na neurose, a separação da ideia incompatível da cadeia associativa onde está inserida – ou a separação entre a ideia e o afecto, que é incompatível ou inconciliável com o Ego – faz-se pelo mecanismo de defesa do deslocamento e da deformação, havendo uma *transposição*, ou seja, uma transformação e um colocar noutro lado a ideia ou o afecto incompatível, mas sempre no território da linguagem, do signo e do símbolo.

Na mesma perspectiva de distinguir o que é próprio do território da neurose do que é específico do território da psicose, à luz do vértice do simbólico e da significação, Amaral Dias clarifica a diferenciação a fazer entre os termos de *clivagem* e de *dissociação*, preconizando que se utilize este último, quando se verifica uma exclusão de uma ideia, numa comunicação associativa, mas mantendo-se presente a natureza ideativa e linguística das ideias que se associam, porque o traço mnésico está inscrito no território do signo e do símbolo, ou seja, pertence ao território da neurose.

Assim, o que falha na histeria é da ordem da dissociação e não da clivagem, pois a falha está no território da linguagem e é devida a uma ideia incompatível com o funcionamento do Ego. Esta ideia vai ser desconectada da cadeia associativa onde está inserida ou vai-se separar

do afecto a que está ligada para, em seguida, ser translocada para outro lugar, enquanto o afecto vai ser convertido em algo somático. Deste modo, na histeria, há algo que começa por ser suprimido da consciência – mas não evacuado – que vai ser, a seguir, retido ou reprimido. Mas, por uma falha nessa retenção ou nessa repressão, parte desse algo não é retido ou reprimido e vai ser convertido, somatizado. Se não houvesse falha, a repressão ou a retenção seria perfeita.

Nas obsessões, a ideia incompatível ou inconciliável é submetida a uma compulsão que não converte, como na histeria, mas tenta neutralizar essa ideia. Na fobia, é o afecto incompatível que vai ser introduzido noutra cadeia associativa pela transposição, mas, em ambas, a falha vai originar o que Bion denominou de *enunciada falso*.

Esta forma de diferenciar as três categorias de neurose segue o pensamento de Freud que, ao tratar a obsessão e a fobia, considerara que, nestas duas entidades psicopatológicas, o Ego levava muito menos vantagem do que na histeria, pois, enquanto nesta há uma conversão da excitação psíquica em inervação somática, na obsessão e na fobia, por sua vez, toda a alteração permanece na esfera psíquica, sem ter havido mudança na relação entre a excitação psíquica e a inervação somática. É neste contexto de conversão da excitação em excesso que Amaral Dias considera a histeria como o paradigma das neuroses, enquanto a obsessão e a fobia serão a falha da histeria.

Sobre o conceito de Bion de *enunciada falso*, Amaral Dias convoca, de novo, a necessidade de rigor no uso dos termos e na diferenciação entre o que Bion denominou de transformações em movimento rígido – que geram os enunciados falsos e são específicas das neuroses – e as transformações em alucinose, de que resultam transformações em território da psicose. Enquanto na transformação em movimento rígido, o elemento inicial é reconhecido no elemento transformado, havendo no enunciado falso e, como o próprio nome indica, uma falsa conexão, nas transformações em alucinose, por seu lado, fica difícil reconhecer, no produto final, o elemento invariante, já que estas operam sobre a percepção, criando um lugar perceptivo no lugar onde um pensamento, por ser excessivo, intolerável, foi evacuado.

Este rigor na compreensão e na utilização dos termos permite que, quando o *modelo neurótico* é evocado, implicitamente, se saiba que se está no território da ideação, da conexão de ideias, do pensamento onírico e da área do sonho, onde há uma articulação de símbolos, entre si. Quando se fala do *modelo psicótico*, porém, significa que se está no território da insuportabilidade ao excesso de dor mental que gera a defesa primitiva da perclusão ou forclusão, onde há ausência

de inscrição simbólica, porque a ideia, o afecto e a parte do Ego ligado a essa ideia desapareceram, foram evacuados. E, no lugar onde o pensamento excessivo foi evacuado, ficou uma percepção, sob a forma de um pseudopensamento que é a *mentira mental*. Na neurose, a percepção mantém-se acoplada ao símbolo, permitindo o traço mnésico que só pode ser articulado pela linguagem, o que implica que a patologia neurótica seja da ordem da linguagem e do símbolo, enquanto a patologia psicótica escapa a essa ordem simbólica. É neste modelo da psicose que se pode compreender o exemplo dado por Freud e que Amaral Dias convoca para a sua análise deste texto de Freud, acerca da mãe que perdeu o seu bebé e que, nos seus braços, embala, incessantemente, um tronco de madeira: o pedaço de madeira não é um substituto do filho perdido, como uma análise superficial poderia levar a pensar, mas está, como explicita o autor, ‘no lugar de algo’ que não foi inscrito simbolicamente: é a ideia de morte que é uma inscrição assimbólica onde está ausente a linguagem e o símbolo, representação intolerável – morte do filho – que sai da esfera do Ego, mas fica ligada a um pedaço do real – o tronco de madeira – que origina que a pessoa, saindo da esfera do real, entre, pela via da percepção, no reino da alucinação.

ROMANCES FAMILIARES

A partir do texto com este título, que Freud publicou em 1908, Carlos Amaral Dias vai expandir a noção de pensamento mítico-onírico do modelo da Tabela de Bion e considerar que o romance familiar, com as associações simbólicas que contém, é um bom exemplo de uma hipótese definitória e de um enunciado falso.

O romance familiar, como Freud o descreveu, nasce da necessidade que a criança tem de lutar contra uma realidade que se mostra dura para com ela: o desapontamento perante os pais que deixam de ser exclusivos para a criança, o sentimento de ser negligenciada ou maltratada por eles, o que vai provocar sentimentos de desvalorização narcísica e de rivalidade sexual.

O romance familiar é construído, pela criança, no território da linguagem, quando ela já tem a capacidade para pensar a oposição e o conflito de gerações, sendo uma forma de manter a onipotência infantil, através da restauração narcísica e da idealização do objecto ideal parental. O romance familiar é, assim, uma defesa perante, por um lado, a (dura) realidade da cena primitiva e da sexualidade parental

e, por outro, os sentimentos de onnipotência que a criança tem perante os pais reais.

Ao fantasiar que os pais reais não são os seus verdadeiros pais, a criança, segundo Freud, inicia a capacidade de preservar a idealização, através de dois movimentos que se sucedem no tempo: num primeiro tempo, pré-edipiano, onde é a restauração narcísica que está no centro, e num segundo tempo, edipiano, onde é a problemática edipiana que toma a dianteira.

Associando o romance familiar aos modelos de Bion, Amaral Dias considera que o primeiro tempo, pré-edipiano, exemplificado pelos mitos de Moisés e de Édipo, será da ordem da *hipótese definitiva*, onde as fantasias onnipotentes e assexuadas, servem para a restauração narcísica, enquanto no segundo tempo, já na fase edipiana e exemplificado pelo mito de Cristo, o fantasma do romance familiar ganha complexidade, construindo um verdadeiro romance no território psíquico dos *enunciados falsos*.

Numa nova precisão dos conceitos, o autor propõe uma explicitação da categoria mítica-onírica usada por Bion, na Tabela, subdividindo-a em *onírica* e *mítico-narrativa*, de forma a relevar o carácter narrativo do pensamento mítico, na medida em que é uma narrativa o que, cada um, faz sobre as suas origens e onde cada um é, em simultâneo, autor e protagonista da sua história narrada. Sendo uma narrativa, está implícito que haja já, no pensamento mítico-narrativo, uma cadeia de significantes disponíveis na estrutura linguística.

No romance familiar pré-edipiano, onde é vivenciado o desamparo que gera a onnipotência, mas também, como nota Freud, a actividade imaginativa das pessoas ‘bem dotadas’, há como que um encadeamento do pensamento onírico com o mítico-narrativo (basta pensar no escritor Gabriel García Márquez), uma interface entre os dois tipos de pensamento, enquanto no romance familiar da fase edipiana, a fantasia constrói um verdadeiro romance, já no território do mítico-narrativo, onde se inscrevem os enunciados falsos.

Colocar o romance familiar nesta interface entre o pensamento onírico e o pensamento mítico-narrativo, é também um bom instrumento conceptual para compreender a patologia border-line que, nesta ordem de ideias, se situa numa interface entre a zona dos proto-pensamentos e a dos pensamentos oníricos.

O romance familiar é ainda um modo de compreender um tipo de *clivagem benigna* do objecto interno constituído pelos pais que vão ser clivados em pais idealizados e em pais reais e perseguidores. Esta clivagem não maligna do objecto interno vai passar-se no mundo

interno da criança que guarda as suas fantasias para si, na sua intimidade, permitindo-lhe a restauração narcísica, através do objecto ideal e é feita sob a alçada da posição esquizo-paranóide, o que significa, em termos da teoria psicanalítica, redimensionar, de forma não moralista, este conceito de posição esquizo-paranóide. Esta clivagem benigna no território da posição esquizo-paranóide permite, de um modo integrativo, que a criança se reconheça, alternadamente, em experiências narcisicamente favoráveis e narcisicamente desfavoráveis e, dessa forma, possa construir o que Amaral Dias designa de ‘ética da condição do objecto’.

Compreender o romance familiar na interface entre o onírico e o mítico-narrativo, implica, igualmente, que se tenha em conta que aquele se insere numa *família pré-consciente*, que se articula com a família consciente, real, e numa *família inconsciente*, ambas sustentando a família do romance familiar edipiano onde aconteceu um recalçamento secundário que operou sobre a sexualidade infantil. E, se é de recalçamento secundário que se trata, impõe-se também que seja convocado o recalçamento originário que está no território do inconsciente.

Amaral Dias expande ainda a sua análise sobre o romance familiar a duas novas abordagens do mito de Édipo. Numa primeira abordagem, mostra como a história de Édipo encerra a história humana, estando o seu nome, Édipo, na fronteira entre o biológico e a humanização. Numa segunda perspectiva, aborda este mito pelo seu valor simbólico, onde a afirmação do sujeito como ser na ‘Polis’ é, não apenas inconciliável com o incesto, mas também exige que a castração seja assumida, o que leva o autor a concluir que a ‘condição humana está inscrita na ética do sujeito desejante’.

FORMULAÇÃO SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO MENTAL

Partindo deste texto de 1911, onde Freud trata a relação do sujeito com a realidade e as vicissitudes dessa relação, Amaral Dias retoma a noção de realidade, como, aliás, já fizera no primeiro texto, colocando-a na ordem do insuportável: insuportável em certa parte, para a mente neurótica, totalmente insuportável para a mente psicótica.

Considerando o território do protomental – quando a mente ainda não está totalmente construída e onde o objectivo do aparelho psíquico

de reduzir a zero a excitação (princípio da constância) se entrecruza com o princípio do prazer/desprazer, numa altura em que ainda não se instalou o princípio da realidade – Carlos Amaral Dias vai clarificar a ideia de que o objecto de relação se torna necessário para que o princípio do prazer possa predominar. Esta clarificação tem implícito que a vinculação vem depois do desamparo primário e é uma consequência deste desamparo inicial, ou dito de outra forma, que a criança, como a psicanálise a compreende, inicia o seu caminho pelo desamparo primário, radical, vincula-se a um objecto de relação e, através deste, mas também portadora do seu desamparo inicial, caminha para o simbólico. Esta criança não foi um bebé no território das relações objectais de tipo relação boca-mamilo, mas é um bebé no território do espaço que separa a boca do mamilo, que é o espaço da frustração mas também o espaço que permite o crescer psíquico.

Para melhor conceptualizar o sistema protomental desta etapa primitiva da vida mental, Amaral Dias convoca os modelos de Bion de ♀ ♂ (continente/conteúdo), de identificação projectiva e dos pressupostos básicos que também permitem compreender, tanto a ideia de Freud de que a consciência tem uma qualidade sensorial, perceptiva, podendo ser vista como um órgão sensorial, como o modo como advém, à consciência, as funções de atenção e da notação (intencionalidade).

A forma como o autor clarifica o pensamento que Freud expõe neste texto, e o completa e expande com os contributos de Bion, exemplifica bem a justeza da ideia de Freud, ao considerar que a descarga motora serve para dois processos distintos: para libertar a pessoa de impressões sensoriais que invadem a sua mente e, por outro lado, para dotar a pessoa de uma intencionalidade psíquica, na medida em que permite a construção de uma relação da consciência com a realidade, realidade que, antes, invadia a pessoa. Intencionalmente, a criança vai usar a descarga motora, de forma a apreender a realidade, já não de uma forma exclusivamente evacuativa ou somática, mas de um modo *psico-somático*, através de um processo psíquico assimilativo. Esta forma de repor a descarga motora no território de uma intencionalidade gerada por um aparelho mental psicossomático, através de um processo assimilativo, é muito importante na clínica pedopsiquiátrica dos nossos dias, onde, cada vez mais, se instrumentaliza os modos de compreensão psicopatológica de situações como a ‘hiperactividade com défice da atenção’ ou a ‘síndrome de Asperger’.

Este texto de Freud serve, também, para Amaral Dias reafirmar, quando se pensa o funcionamento psíquico, a necessidade de ter a mente em expansão e de utilizar os vértices do simbólico e do território do negativo; onde pensar a falta do objecto de relação significa pensar essa falta, na ausência do objecto de relação, porque só na sua ausência é que a sua falta pode ser pensada simbolicamente.. Como diz Amaral Dias (Dias 2005: 94),

O sujeito não se constrói com o outro, o sujeito constrói-se justamente porque o outro não está, não há nenhum outro senão aquele que eu sou capaz de construir dentro de mim, isto é, na relação que mantenho com o objecto interno. Mas para que seja possível a construção dos objectos internos é necessário que as impressões sensoriais que vêm do mundo não fiquem presas ‘autisticamente’ num lugar onde a mente é apenas bombardeada por experiências sensoriais, é necessário que se desenvolva um órgão (a consciência que possa ir ao encontro delas a meio caminho. Nessa altura já há a construção de qualquer coisa mental, mas ainda não se construiu o objecto mental. A construção de um objecto mental implica, precisamente, a pessoa livrar-se do objecto real.

No fim deste capítulo, fica claro que, para o funcionamento psíquico e para a compreensão da psicopatologia, o importante são as representações mentais que a pessoa constrói dos objectos e o modo como é capaz – ou não – de transformar a frustração face aos objectos, quando estes dão azo a qualquer tipo de desamparo. Quando a pessoa não tem o engenho e a arte para levar a cabo essas transformações, quando se sente impotente, mentalmente, para poder mudar a realidade que frustra, vai começar a odiar, não essa realidade, mas a parte da sua mente que é impotente para transformar a realidade adversa.

Relevando a importância de considerar a psicanálise como uma teoria do campo da significação, Amaral Dias, mais uma vez, reforça a necessidade de se usar o vértice da outorgação de significação para que não se confunda competências do recém-nascido com as suas competências sensoriais, não se confunda o conhecimento perceptivo ou gestaltico que o bebé tem do rosto materno com a representação mental que tem desse rosto, não se confunda ‘imprinting’ humano ou percepção com a capacidade de investimento da percepção que já implica um ‘pensar sobre’.

REPRESSÃO

A partir deste texto de Freud de 1915, sobre a repressão ou o recalçamento, Amaral Dias afirma a necessidade de se compreender que o recalçamento propriamente dito, ou a falha da tradução, como explicitou no primeiro capítulo deste livro, pressupõe sempre que já existiu um recalçamento primário, originário, como tinha abordado no capítulo anterior, que funciona como um polo de atracção para a situação na origem do recalçamento propriamente dito. Assim, se o recalçamento propriamente dito é algo do real que está incompatível ou é inconciliável com as exigências do princípio do prazer/desprazer, aquele resulta também de uma atracção interna do recalçamento originário que vai ter um papel fundamental na estruturação desse recalçamento secundário.

Esta formulação do recalçamento propriamente dito, que se alicerça no recalçamento originário, abre-se a um vértice compreensivo onde, como o autor explicita:

- O recalçamento propriamente dito exige um *consciente* para reprimir e é, como Freud já definira, altamente individual na medida em que deriva, desde o seu início, da história singular de cada um.
- O recalçamento originário é compreendido como tendo a sua origem no traumatismo do nascimento que está instalado no território do inconsciente e que vai desencadear uma *forma automática de angústia*.

De uma forma muito fecunda para a compreensão dos primórdios do funcionamento psicológico, Amaral Dias vai fazer uma ponte entre o recalçamento originário e o território do protomental, a partir do modelo de Bion, onde funcionam os pressupostos básicos. Esta ponte é possível, porque tanto o recalçamento originário, como o funcionamento protomental funcionam numa área que está nos confins do somatopsíquico, o que o autor chama da '*dobra entre o primatológico, o instinto e o humano*', dobra que nunca pode ser arredada da compreensão psicopatológica.

A razão de colocar os pressupostos básicos nos confins somatopsíquicos, antes do sistema inconsciente, deve-se ao facto de aqueles resultarem da prematuridade da espécie humana que se, por um lado, explica o processo da longa neotenia humana, por outro, dá lugar ao desenvolvimento da inteligência humana.

A partir de uma reflexão sobre os três pressupostos básicos, Amaral Dias vai analisar: 1) a relação entre o pressuposto de dependência e

as estratégias do cuidar e da vinculação, com uma aproximação indispensável à etologia; 2) a relação entre o pressuposto básico de ataque-fuga e a dialéctica entre o predador e o predado, que se expressa pela defesa e conquista do território; 3) a relação entre o pressuposto básico do acasalamento e as estratégias reprodutivas.

Compreender que o sistema protomental está no território dos confins do somatopsíquico permite integrar, sem se correr o risco de fazer pontes ou colagens ‘mentirosas’ e apressadas, todos os novos conhecimentos sobre a fisiologia do cérebro, tais como: o papel dos neurónios espelha, de capital importância para compreender algumas características dos primórdios do psiquismo; os estudos de E.Z. Tronick e de C. Trevarthen sobre o nascimento da intersubjectividade no bebé; o papel de filtragem das percepções da substância reticular do tronco cerebral, que vem dar razão à intuição de Freud da dimensão activa das percepções; o conceito de J. S.Grotstein de esquizofrenia que este autor equaciona, segundo uma perspectiva neuronal, psíquica e comportamental.

Como os textos anteriores, este é também uma clarificação do que é importante diferenciar entre, por um lado, o funcionamento psíquico do registo psicótico e, por outro, o que é próprio do registo neurótico. O texto vai, assim, explicitar o funcionamento protomental do registo psicótico, em permanência ameaçado pela fragmentação e destruição e onde o terror é inominado, bem como o registo neurótico onde a falha está no território do símbolo. É neste contexto da diferenciação entre o funcionamento psicótico e o funcionamento neurótico que Amaral Dias convoca a concepção de Bion, segundo a qual, no medo de morrer neurótico, metade desse medo é esperança de viver, porque quem tem medo de morrer é porque quer viver, enquanto, no terror sem nome do funcionamento psicótico, esta experiência emocional primária é o medo de morrer despojado de esperança de viver.

No final deste capítulo, o autor reforça a ideia de que é fundamental ter sempre presente que o recalçamento propriamente dito ou secundário está no território da representação, da palavra e do pensamento, onde existem associações de ideias e de pensamentos. E, assim, releva, uma vez mais, que o pensamento onde opera este recalçamento secundário e que origina o retorno do recalçado – ou, como prefere nomeá-las, as *irrupções de superfície* – só é possível, a partir da articulação do recalçamento originário com o recalçamento propriamente dito.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA E SOBRE A MORTE

Escrito em 1915, este texto de Freud é de uma deslumbrante actualidade, pois trata das vicissitudes da parte instintiva do humano, quando, em tempo de guerra onde a morte está hiperpresente, o desamparo e as estratégias de sobrevivência estão na ordem do dia, como acontece neste nosso actual tempo de globalização e de conflitos sangrentos políticos e religiosos.

A partir das considerações e das reflexões de Freud, Amaral Dias vai analisar as transmutações psíquicas, que se operam devido às vicissitudes dos instintos, quando a morte está, socialmente, hiperpresente e que podem entrar na categoria de produções *mentirosas* da mente. Assim, o egoísmo pode transmutar-se em altruísmo e a crueldade em piedade, mas não é, como se poderia pensar, a bondade que fomenta estas transmutações. Estas são devidas às vicissitudes instintivas que, pela via do conflito psíquico, não permite que os instintos ‘egoístas’, como os nomeia Freud e que podem ser entendidos como egocêntricos, se transformem pela via do erotismo, ou seja, pela necessidade humana do amor.

Neste tipo de entendimento do agir social, o autor clarifica a noção, essencial para a compreensão do nosso momento da História da humanidade, de que são os instintos egoístas/egocêntricos que se transformam em sociais e não o inverso, como pretendem certas teses que afirmam que ‘todas as crianças nascem boas’. Porque, para o humano, a sobrevivência fala sempre mais alto que o bem-estar social, como, alias, já mostrara Espinosa quando construiu a sua noção de *conatus*.

Desta forma, quando se pretende reflectir metapsicologicamente sobre um momento da História dos homens, Amaral Dias, seguindo o pensamento de Freud, reforça a necessidade de nunca se fazer a economia do valor da pulsão, pois este valor está, inexoravelmente, ligado à transformação que o Homem – ‘Humano demasiado humano’ mas, também, ‘ser de conhecimento e de cultura’ – faz do valor dos instintos pela via da cultura.

É neste campo compreensivo das vicissitudes dos instintos que Carlos Amaral Dias vai inserir a hipocrisia social e a hipocrisia afectiva e considerar que, quando o ódio que não se pode transformar em ‘ciúme simpatizante’, porque a pessoa não construiu uma relação erótica com o mundo, não se pode instalar a *ética do sujeito desejan*te. Só pela via da construção de uma relação com o mundo, no território

de Eros, é que o instinto se pode transformar num verdadeiro processo de socialização e pode ser construída uma relação vinculativa, afectiva e erótica com o conhecimento e com o saber. E é por esta via que Amaral Dias vai perspectivar as articulações entre religião, ciência e psicanálise.

A riqueza deste texto que o autor nos dá, num mano a mano com o texto de Freud, impõe que a sua leitura seja feita na íntegra, para que faça um eco de perplexidade reflexiva na intimidade de cada leitor, permitindo-lhe bordejar a sua narrativa íntima e, dessa forma, crescer simbolicamente. É nessa intimidade reflexiva que devem ser pensadas as considerações que Amaral Dias faz sobre a máxima 'Eu amo-te', que deve ser compreendida, no funcionamento psicológico do humano, como também sendo da ordem do equívoco e da mentira, pois tem sempre uma questão subjacente: 'Quem é que eu amo quando digo a alguém que a amo?'

UMA CRIANÇA É BATIDA

Este texto que Freud escreveu em 1919 é, classicamente, um marco para compreender como o fantasma da criança batida e maltratada constitui uma ancoragem central na organização psico-sexual. Amaral Dias vai retomar a noção de Freud de que o perverso é o negativo do neurótico e vai reformulá-la, à luz de uma nova precisão dos conceitos psicanalíticos. Assim, considera que, se as fantasias do neurótico e do perverso são iguais, contudo, o agir é diferente, pois o neurótico não age a perversão que está confinada ao fantasma, o que leva o autor a propor que a relação entre o neurótico e o perverso seja equacionada, segundo uma ordem diferente da do negativo do neurótico.

Repensar esta relação de outra forma permite expandir a compreensão da psicopatologia de várias situações, como, por exemplo, no campo da pedopsiquiatria, as implicações que tem, para a criança, a destituição da figura do pai na cadeia simbólica que se constata na história infantil de muitos perversos, destituição que vai originar que a relação triangular se reverta numa relação dual, sem espessura simbólica. Enquanto no funcionamento neurótico, o simbólico se mantém e é no território da linguagem que a criança diz 'uma criança é batida', o que significa 'o meu pai bate-me a mim, porque eu é que sou o seu filho preferido', já o perverso, colocando-se

no lugar da destituição da cadeia simbólica e no território do perceptivo, visualiza ‘uma criança a ser batida’ e retira prazer/gozo desse cenário.

No neurótico e na criança com um saudável desenvolvimento mental, é a cadeia simbólica que permite o acesso à separação das gerações e que funda a instituição simbólica do sujeito de cultura. Esta situação tem, como corolário, que a psicopatologia, tanto da criança como do adulto, deva ser compreendida na passagem do perceptivo para o simbólico, o que implica que o trabalho terapêutico seja feito no território da narrativa do acontecimento e não, simplesmente, no acontecimento per si e que não se faça a economia do funcionamento protomental.

REFERÊNCIAS

Dias, Carlos Amaral
2005 *Fred Para Além de Freud, Volume II*. Lisboa: Climepsi.

Uma Proposta de Leitura do Livro de Amaral Dias, *Freud Para Além de Freud. Volume II*

A Reading Proposal of Amaral Dias' Book, *Freud Para Além de Freud. Volume II*

Sumário

Summary

A partir da leitura das análises feitas, por Carlos Amaral Dias, acerca de seis textos de Freud, em *Freud Para Além de Freud. Volume II*, são postos em evidência os conceitos expostos com maior relevância, sobre o funcionamento psicológico, à luz do vértice da significação e do simbólico. Neste sentido, são preocupações recorrentes, neste livro, a necessidade de se usar, com rigor, os termos psicanalíticos e de se distinguir o que é próprio da neurose e o que é próprio da psicose, pelo mesmo vértice do simbólico. Expandindo o pensamento freudiano e completando-o com os contributos de outros autores, como Bion e Lacan, Amaral Dias clarifica e reformula conceitos como: o romance familiar, o mito de Édipo, o sistema protomental, o recalçamento, as produções mentirosas da mente e a ética do sujeito desejante.

From the reading of the analyses made by Carlos Amaral Dias on six Freud texts, in *Freud para Além de Freud. Volume II*, this article emphasizes the concepts exposed by Amaral Dias on the psychological functioning, in the framework of meaning and the symbolic. In this sense, that book is especially concerned with rigour in the use of the psychoanalytic terms, by distinguishing what is proper to neurosis and what is proper to psychosis, in the same framework of the symbolic. Expanding Freudian thought and completing it with contributions from other authors, such as Lacan and Bion, Amaral Dias enlightens and reformulates concepts such as family romance, Oedipus myth, protomental system, repression, false enunciation, and the ethics of the desiring subject.